

OVERWATCH 2



*DO SEU JEITO*

*UM CONTO DE JEN STACEY*

# OVERWATCH<sup>®</sup> 2

*ESCRITO POR  
JEN STACEY*

*ILUSTRADO POR  
HANNAH TEMPLER*

*AGRADECIMENTOS A  
ANA MARTÍNEZ*



## DO SEU JEITO

---

Eles haviam deixado Seul a algumas horas. Baptiste observava a conhecida vastidão do oceano passar abaixo.

Cassidy se inclinou para frente, conferiu a tela outra vez e levantou-se.

“Fareeha, acha que dá conta?”

Pharah olhou para cima, tirando os olhos de outro monitor, quase imóvel na cadeira. “Claro, pode deixar. Vai descansar?”

“Acho que posso tentar.”

“Lembra de fechar a porta. Do jeito que você ronca, vamos pensar que estamos sendo atacados.”

“Com você no volante, vou ter sorte se conseguir dormir.” Cassidy não sabia esconder o sorriso.

“Talvez seja melhor testar uma daquelas acrobacias aéreas que a Lena fazia...” Cassidy já estava pronto para responder, mas Pharah o dispensou. “Vai dormir. Nós avisamos se alguma coisa acontecer, né, Baptiste?”

Baptiste se endireitou ao ouvir o próprio nome. Ele quase não havia falado nas últimas horas, enquanto Pharah e Cassidy conversavam. Sentado sem jeito perto daquela conversa, ele havia percebido a intimidade entre os dois, mas não se aproximara. A inclusão súbita o pegou desprevenido.

“Sim, claro.” Quando percebeu que estava sem palavras, Baptiste repetiu: “Nós avisamos.”

Cassidy anuiu e foi embora, jogando a capa para trás ao passar. Pharah revirou os olhos, e Baptiste admirou a tentativa de saída dramática.

Os dois ficaram em silêncio por algum tempo. Baptiste podia ver o canto do cinto de segurança de Pharah de onde estava sentado. Ela provavelmente era a única pessoa da nave que ainda estava usando um. Ocorreu a ele que talvez ela estivesse seguindo algum protocolo, que ele também deveria seguir, mas achou melhor não perguntar.

O médico tinha nutrido esperanças de que aceitar a proposta de Cassidy na Romênia aliviaria a tensão que sentia por passar tantos anos fugindo da Talon. Para a sua surpresa, o nervosismo ainda estava lá. Ele seria parte da Overwatch, ficaria entre heróis. Mas ele não era como Pharah, que sempre trilhou o mesmo caminho, dedicando a vida a proteger as pessoas. Baptiste sabia que, por mais que tentasse compensar o que havia feito, haveria pessoas para condená-lo pelo que fez quando era mercenário da Talon. Isso o deixava pesaroso.

O olhar curioso de Pharah o tirou dos pensamentos. Ela havia girado a cadeira levemente em sua direção, como se esperando que ele dissesse alguma coisa. Será que ele estava se preocupando com bobagem? Ela parecia legal, pelo menos. Baptiste tentou pensar em alguma observação a oferecer. “Então... você é o Cassidy?”, perguntou, torcendo para isso fazer sentido.

Ela pareceu confusa, depois, preocupada. “Como assim?”

Baptiste levou a mão à nuca, massageando um velho ponto dolorido. “Você sabe... vocês parecem bem próximos. Achei que talvez estivessem...”

“Juntos?”

A risada dela o pegou de surpresa. Era alta e segura, e isso o deixou um pouco mais relaxado. Talvez ela também tenha se sentido assim: a linguagem corporal dela pareceu mudar, e o cinto de segurança se esticou quando ela se curvou. Tinha um sorriso bonito. Quando ela tirou o cabelo do rosto, os olhos estavam radiantes.

“Ai. Desculpa, é que... essa foi boa”, disse Pharah. Ela desafivelou o cinto de segurança e o deixou passar pelo ombro. “Não, claro que não. O Cole e eu nos conhecemos faz muito tempo. Ele é como um irmão mais velho pra mim. Além do mais, eu sou lésbica.”

Pharah falou com a facilidade de alguém que viveu a vida inteira sabendo quem era. Ela havia aperfeiçoado a apresentação das palavras, oferecendo-as a Baptiste como um presente que sabia que ele aceitaria. Quando ele olhou para ela de novo, era como se uma peça do quebra-cabeça tivesse se encaixado. Antes que ele pudesse responder, Pharah acrescentou: “Achei que fosse óbvio. Eu não tenho passabilidade, né?”

“Não, de jeito nenhum”, disse Baptiste rapidamente. “Eu só não quis presumir. Vocês dois parecem se conhecer bastante. Não quis te deixar desconfortável.” Ela ergueu a sobrancelha, como se o pensamento dele a deixando desconfortável parecesse absurdo. “Não, eu tô bem. Só sinto muito por te decepcionar.”

“Ah, não... Você parece incrível, é que...” Baptiste perdeu as palavras, sem saber como continuar.

“Ah, você queria saber do Cole?” Baptiste a olhou de volta. Houve um momento de compreensão mútua e ele deu uma risada abafada. “Olha, eu admito que ele tem um charme. Eu gosto de gente confiante.”

Pharah abriu um sorriso. Ela entrelaçou os dedos e colocou as mãos na nuca, reclinando-se na poltrona do piloto. “É, é bem o Cole. Ele nem sempre foi assim, mas voltar pra Overwatch, juntar novos recrutas... ele tá no fim de uma longa jornada. Eu estou até orgulhosa dele.”

Baptiste concordou. “Eu percebi. Quando ele me ofereceu um lugar na Overwatch, me contou que também deram outra chance a ele.”

Ele se lembrava das palavras exatas: *Quando ninguém mais acreditava em mim*. Aquelas foram as palavras que fizeram Baptiste estender a mão para aceitar o convite de Cassidy. Ele voltou a encarar o oceano, subitamente escuro e infinito.

Aquela visão inundou sua mente com memórias da Talon. Ele se lembrou da sensação de cinzas na garganta em Monte Cristi, e do som dos disparos de Mauga sobre as ondas do Porto-da-Paz. Dos dois barcos, pegos por desespero, e das longas noites no mar enquanto fugia. Baptiste sabia o que havia feito e todos os erros que havia cometido. Não tinha a ilusão de que as pessoas o perdoariam... mas Cassidy perdoara.

“Quer conversar?”, Pharah perguntou com preocupação verdadeira, com o mesmo tom com que falava com Cassidy.

“Não. Não hoje, pelo menos.” Baptiste deu um longo suspiro. Ele não tinha percebido como a dor e a memória daqueles momentos haviam inflado em seu peito e não o deixavam respirar.

“Não precisa se apressar. Mas fico feliz pelo Cole ter convencido você a vir com a gente.”

“Eu também. Ele sabe causar uma primeira impressão.”

“É, é a cara do Cole.” Pharah balançou a cabeça. “É engraçado. Eu não o via há anos, mas ele voltou pra minha vida e, do nada, tudo voltou a ser como antes. E agora, estamos voltando para Gibraltar... É difícil de acreditar.”

Baptiste se lembrou dos arquivos pessoais da Overwatch que tinha roubado da Talon. Fareeha Amari, filha de Ana Amari. Ele leu o perfil da mãe e encontrou menções a Fareeha também. Nunca foi uma agente da Overwatch, mas sempre foi considerada um recurso. Trabalhando no Cairo como parte da Hélix. “Você esteve perto da Overwatch a vida toda. Já deve conhecer todo mundo. Está ansiosa pra reencontrar alguém?”

Pharah pareceu preocupada. “Ah, eu não conheço todo mundo... a Zarya e a Hana são novas pra mim. Com certeza deve ter mais gente.”

“Você conhece a Dra. Ziegler? Ou... Como era o codinome dela? Mercy?”

“A Angela? Sim. Há tanto tempo quanto conheço o Cole”, disse ela com um tom quase melancólico.

A forma como ela disse o nome dela, não Dra. Ziegler, *Angela*, o comoveu.

“Eu trabalhei com ela uma vez, na Venezuela”, começou ele. “Estava procurando por ela quando esbarrei no Cole. Tinha sido vista pela última vez no Cairo, mas, quando cheguei lá... Bom, você deve ter visto as notícias de Paris.”

“Vi sim.” Um breve sorriso passou pelo rosto dela. “Mas eu também passei algum tempo com ela no Cairo.”

Baptiste ergueu a sobrancelha. “Ela sabe que você está indo pra Gibraltar?”

“Não. Mas ela também não me contou que ia reencontrar a equipe em Paris, então acho que nós duas temos surpresas.” Pharah olhou para baixo e Baptiste teve dificuldades para interpretar sua expressão. Ela estava decepcionada?

“Você queria algo a mais?”

Pharah levantou os olhos para fitá-lo. “Como assim?”

“Você queria que ela se despedisse?”

Pharah desviou o olhar outra vez, pensativa. “Não”, disse por fim. “Acho que não.” Ela ficou em silêncio, e Baptiste resistiu ao impulso de dizer alguma coisa. Seu instinto era tentar fazê-la se sentir melhor, mas sabia que ela ainda estava pensando.

“A relação da Angela com a Overwatch é... complicada. Conhecendo ela, provavelmente não sabia se atenderia ao chamado até já estar lá.”

“Ah. É...” Baptiste sentiu que havia mais alguma coisa, mas não quis pressioná-la. Procurou alguma coisa para mudar de assunto. “Com certeza vocês vão conversar quando chegarmos em Gibraltar.” Ele se inclinou, observando a tela na frente dela. “Falta pouco, Pharah.”

Ela olhou para ele de repente, com o cenho um pouco franzido. Baptiste se perguntou se dissera alguma coisa errada, mas logo a expressão se abriu. Ela se levantou, pôs a mão no ombro dele e sorriu.

“Ei.” A mão dela era firme, e Baptiste sentiu uma onda de calma passar pelo corpo. “Me chama de Fareeha, tá bem?”

Ela o olhou nos olhos e retribuiu o sorriso. “Tudo bem. Obrigado.”

Ela tirou a mão e deu de ombros. “Não precisa me agradecer, eu já ia pedir pra você assumir o comando.”

A preocupação de Baptiste deve ter ficado visível, porque Fareeha logo esclareceu: “Relaxa, eu vou chamar a Hana pra te fazer companhia. Ela deve pilotar melhor mesmo. Só preciso descansar um pouco.”

“Claro”, disse Baptiste concordando com a cabeça, como se aceitasse uma ordem. “Pode descansar.”

Fareeha andou em direção à saída da cabine, mas parou na porta. “Pode me fazer um favor?”

Baptiste se endireitou, pronto para ouvir as instruções.

“Eu sei que não é fácil, mas... tenta relaxar, tá legal?” Ela saiu da cabine, depois se virou para olhá-lo de frente. “Estamos nisso juntos.”

Baptiste pensou em quanto tempo tinha passado sozinho. Pensou em todas as formas como diferia dela e em todas as formas como decepcionou as pessoas que lutava proteger. Para cada boa ação que Fareeha fizera pela Hélix, Baptiste tinha trilhado um caminho oposto trabalhando para a Talon. Agora, com a Overwatch e ao lado dela... ele ainda não sabia se merecia redenção. Mas por que resistir? Ele não estava pronto para contar tudo o que tinha feito. Mesmo que, observando-a agora, ele sentisse que ela não ligaria.

Então Baptiste procurou pensar nas formas como eram parecidos, em tudo o que os uniu do lado certo daquele conflito. Ele viu a segurança dela e ficou surpreso ao perceber que lhe devolvia um pouco da sua. Sem se dar conta, ele já estava respondendo com um aceno lento. “É. Estamos juntos.”

Fareeha sorriu, jogou para trás uma capa imaginária com um sorrisinho e foi para a traseira da nave. Pela primeira vez desde Busan, Baptiste estava sozinho. Havia uma vista clara do oceano do outro lado da janela. Isolado do vento, relaxado no assento, agora aquilo lembrava mais tardes ensolaradas na praia, tomando o *ji papay* de Lefort, do que as fugas.

Baptiste fechou os olhos. O ronco constante dos motores se transformou no zumbido do ar de verão. Ele deixou os pés se pendurarem na memória de uma doca e balançou como que carregado pela correnteza. A nave continuou seu rumo e Baptiste, tranquilo por saber que alguém se uniria a ele no timão, deixou seus pensamentos à deriva em direção ao futuro.

